

Um país deprimido, psicótico e ansioso

Consumo de psicofármacos disparou numa década. Antidepressivos cresceram 177%, alerta o Infarmed

Terá Portugal uma população muito propensa a perturbações mentais? A dúvida surge com um estudo recente do Infarmed que deteta níveis alarmantes no consumo de psicofármacos — conjunto dos medicamentos no âmbito da saúde mental. A resposta é vaga.

A partir das receitas dispensadas nas farmácias entre 2000 e 2009, foi apurado que os utentes do Serviço Nacional de Saúde (sem sequer incluir os beneficiários de subsistemas) numa década consumiram mais 52% de psicofármacos. Os aumentos são alarmantes: 177% nos antidepressivos (o último Eurobarómetro mostrava que Portugal é o maior consumidor da União Europeia), 140% nos antipsicóticos e 11% nos ansiolíticos na dose diária por 1000 habitantes.

Apesar da procura menos expressiva, os ansiolíticos são os que mais preocupam os autores. "O consumo de antipsicóticos e antidepressivos tem aumentado noutros países europeus — e Portugal tem níveis comparáveis aos dos países nórdicos —, mas nos ansiolíticos é bastante inferior".

O estudo não avaliou a qualidade da prescrição; é no entanto referido que, "em Portugal, os valores elevados e o aumento continuado dos ansiolíticos podem significar que os tratamentos são mais prolongados do que é indicado e estão a ser utilizados em indicações terapêuticas para os quais não estão aconselhados". Por exemplo, "no tratamento das perturbações de pânico e na ansiedade generalizada".

A eventual má prática médica é negada por psiquiatras e clínicos gerais. "Em dez anos, melhoraram-se a acessibilidade a cuidados diferenciados, apostou-se na formação de novos psiquiatras e na sua atualização e intensificou-se a formação dos médicos de família na área da saúde mental", salienta o presidente do Colégio de Psiquiatria da Ordem dos Médicos, Marques Teixeira. "Estamos sempre a estudar e a trocar saberes entre nós e é muito frequente reunirmos com psiquiatras", garante o vice-presidente da Associação Portuguesa dos Médicos de Clínica Geral, Rui Nogueira.

Ainda assim, é clara a 'aposta' na medicação. "É mais fácil medicar, mas pode não ser a melhor solução", afirma o bastonário da Ordem dos Psicólogos (com 18 mil inscritos), Telmo Baptista. E os médicos, em parte, até concordam. A "sobrecarga administrativa e do número de utentes obrigam a que em situações onde a palavra do médico seria suficiente

MERCADO NACIONAL

6

mil versões de psicofármacos estão autorizadas e quase cinco mil são genéricos

1,9

milhões de embalagens das seis marcas e genéricos líderes foram vendidas no último trimestre de 2010

957

psiquiatras, 438 dos quais trabalham no SNS

essa palavra seja substituída por um medicamento", reconhece o psiquiatra Marques Teixeira.

Os números do Infarmed — que os médicos dizem refletir a dispensa e não o consumo real — revelam ainda assimetrias regionais (ver mapa). Por exemplo, Coimbra e Portalegre são dois distritos com grande consumo de psicofármacos. "Não vejo razões para isso, a não ser o facto de Coimbra receber imensos doentes de outros distritos do Centro", explica o diretor do Serviço de Psiquiatria dos Hospitais da Universidade de Coimbra, António Marques. Em Portalegre ninguém quis comentar os números, mas um médico admite que o problema pode dever-se à população envelhecida e a haver apenas dois psiquiatras no hospital local.

O vice-presidente do Infarmed, Miguel Vigeant Gomes, garante que "os números podem dar pistas" e já estão a ser preparadas linhas orientadoras para a prescrição. Mais: "Foi este estudo que levou à redução das comparticipações", ainda no final de 2010.

VERA LÓCIA ARRÊGOSO
vareligo@expresso.lisboa.pt

Consumo de psicofármacos por distrito

Dose diária definida por 1000 habitantes, em 2009

ELEVADO
MÉDIO
REDUZIDO



POR TIPO DE MEDICAMENTO

| DISTRITO | ANSIOLÍTICOS | ANTIPSIÓTICOS | ANTIDEPRESSIVOS |
|------------------|--------------|---------------|-----------------|
| Braga | 108 | 10 | 63 |
| Bragança | 67 | 10 | 48 |
| Porto | 107 | 11 | 71 |
| Viana do Castelo | 83 | 10 | 67 |
| Vila Real | 97 | 10 | 50 |
| Lisboa | 89 | 13 | 79 |
| Santarém | 106 | 11 | 64 |
| Setúbal | 88 | 12 | 68 |
| Aveiro | 95 | 13 | 83 |
| Castelo Branco | 118 | 16 | 73 |
| Coimbra | 123 | 16 | 86 |
| Guarda | 106 | 11 | 63 |
| Leiria | 104 | 13 | 66 |
| Viseu | 105 | 12 | 75 |
| Beja | 90 | 14 | 71 |
| Évora | 112 | 12 | 100 |
| Portalegre | 126 | 14 | 101 |
| Faro | 67 | 11 | 52 |

FONTE: ESTUDO "ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA UTILIZAÇÃO DE PSICOFÁRMACOS EM PORTUGAL, CONTINENTAL, ENTRE 2000 E 2009" DO INFARMED

TRÊS PERGUNTAS A

José Caldas de Almeida

Coordenador Nacional para a Saúde Mental

□ Portugal é um país com muitos doentes mentais?

□ De acordo com os dados que temos, é evidente que há uma percentagem elevada, sobretudo das perturbações da ansiedade. Mas esta incidência só explica uma parte do elevado consumo de psicofármacos. Os números apontam, claramente, que em muitos casos não temos uma prescrição racional e nos ansiolíticos há mesmo prescrição irracional, errada e nociva.

□ E porque não são emitidas orientações aos médicos?

□ Elas existem, mas são muito difíceis de cumprir, porque se trata de mudar hábitos com muito anos. Por outro lado, há muito trabalho a fazer nas orientações sobre os psicofármacos mais eficazes, com melhor custo-benefício. E também é um facto que a prescrição é alvo de um forte marketing farmacêutico. As instituições responsáveis pelo ensino médico e pela monitorização das terapêuticas têm de fazer mais esforços para aumentar a formação.

□ E continua a haver doentes que não são tratados.

□ É uma distorção, mas é verdadeira. Há muita gente que toma medicamentos de que não precisa, outros que os tomam em doses erradas e outros ainda que precisam de medicação e não são tratados. Ou seja, é preciso introduzir mais racionalidade nisto tudo.

CAUSAS POSSÍVEIS

1 Aumento do número de portugueses que sofrem de uma perturbação do foro psíquico e são medicados

2 Utilização mais prolongada destes medicamentos no tratamento das doenças mentais

3 Mais consumidores devido a melhorias na qualidade do diagnóstico ou no acesso às terapêuticas e aos profissionais de saúde

4 Aplicação mais alargada destas substâncias através da aprovação de novas indicações terapêuticas ou por uma utilização experimental

FONTE: ESTUDO DO INFARMED

OS PSICOFÁRMACOS

Ansiolíticos
São também conhecidos por calmantes. Diminuem a ansiedade e a tensão, exercendo um efeito calmante quase sem sinais nas funções a nível motor e mental

Antidepressivos
Têm a capacidade de anular os sintomas característicos dos estados depressivos, como a tristeza e a angústia persistentes. O tratamento da doença de pânico é uma das indicações de eleição

Antipsicóticos
Atuam ao nível das funções psicomotoras e podem ter um efeito sedativo (contra a excitação ou a agitação), e cessar alucinações e delírios. São normalmente reservados para perturbações psíquicas muito graves, como por exemplo a esquizofrenia e a doença bipolar (maníaco-depressiva)



ORDEM
DOS
PSICÓLOGOS

Expresso

19-02-2011

Tiragem: 131100

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 5,31 x 11,22 cm²

Corte: 2 de 2



ANTIDEPRESSIVOS

Consumo aumentou 177% em 10 anos

Estudo do Informed revela que entre 2000 e 2009 o consumo de psicofármacos cresceu 52%. Os portugueses tomaram mais 177% de antidepressivos, 140% de antipsicóticos e 11% de ansiolíticos. Portalegre, Évora e Coimbra são os distritos com a população mais 'medicada' para as perturbações mentais, no geral. Será Portugal um país deprimido, psicótico e ansioso? Os especialistas dividem-se.

P16